

Representações e identidades juvenis na sociedade atual: padronizações e estereótipos

*Crislaine Pereira de Lima**

*Cristina Satiê de Oliveira Pátaro***

*Adriana Delmira Mendes Polato****

Resumo

O presente texto aborda o conceito plural das juventudes, seus papéis e vozes sociais na modernidade, bem como as imbricações entre os elementos que participam da constituição desses sujeitos, tais como relações sociais, cultura, lazer, educação, considerando os princípios de instrução e formação cidadã, condições econômicas, trajetória, identidades e protagonismos. A partir de uma abordagem interdisciplinar, que coaduna interpretações da sociologia, da antropologia, da filosofia e do dialogismo do círculo russo de Bakhtin, nosso objetivo consiste em analisar um artigo intitulado “Os jovens nem nem” publicado na revista “Istoé” *online*, que mobiliza um discurso sobre os jovens que não estudam e também não trabalham. Na análise do enunciado, buscamos compreender como ele reflete e refrata valorizações próprias de partidas ideológicas que buscam analisar o papel social do jovem a partir de uma interpretação de base socioeconômica. Os conceitos de signo ideológico, palavra, ideologia, e consciência socioideológica são mobilizados na análise, na medida em que entendemos que o enunciado é constituído por valorizações que sustentam relações sociais, interpretações de mundo e das vivências, sempre a partir de posicionamentos ideológicos. Como resultado, apresentamos a importância do dialogismo na análise dos discursos que ecoam perspectivas sócio-históricas, culturais e ideológicas sobre a temática das juventudes,

* Mestranda do Programa de Pós Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento -Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Criss0713@gmail.com

** Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo e Professora Adjunta da Universidade Estadual do Paraná, campus de Campo Mourão. crispataro@gmail.com

*** Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Maringá e Professora Adjunta da Universidade Estadual do Paraná, campus de Campo Mourão ampolato@gmail.com

a destacar como fundamental a presença de vozes sociais e valores que servem a representações refratárias, ou à multiplicidade de identidades e trajetórias dos jovens, de modo a clarificar como os discursos constituem e ao mesmo tempo são constituídos pelas relações sociais, sendo sua interpretação subsidiária de prospecções e rupturas de ordens instaladas.

Palavras-chave: Dialogismo. Juventudes. Identidade. Protagonismo.

Youth representations and identities in today's society: standards and stereotypes

Abstract

This text addresses the plural concept of youth, their roles and voicessocial aspects in modernity, as well as the overlap between the elements that participate in the constitution of these subjects, such as social relations, culture, leisure, education, considering the principles of citizenship education and training, economic conditions, trajectory, identities and protagonisms. Based on an interdisciplinary approach, in line with interpretations of the sociology of anthropology of philosophy and dialogism in the Russian circle of Bakhtin, our aim is to analyze an article entitled "Young nor nor" published in the magazine "This is" online, which mobilizes a discourse on young people who do not study and also do not work. In the analysis of the statement, we seek to understand how it reflects and refracts the values of ideological games that seek to analyze the social role of young people from an interpretation of a socioeconomic basis. The concepts of ideological sign, ideology, social voices and socio-ideological awareness are mobilized in the analysis insofar as we understand that the statement is constituted by valuations that support social relations, interpretations of the world and experiences always from ideological positions. As a result, we present the importance of dialogism in the analysis of discourses that echo socio-historical, cultural and ideological perspectives on the theme of youth, highlighting as fundamental the presence of social voices and values that serve refractory representations, or a multiplicity of identities and trajectories of young people, in order to clarify how the discourses constitute and at the same time are constituted by social relations, being their subsidiary interpretation of prospectations and ruptures of installed orders.

Keywords: Dialogism, Youth. Identity. Protagonism.

Representaciones e identidades de la juventud en la sociedad actual: estándares y estereotipos

Resumen

Este texto aborda el concepto plural de la juventud, sus roles y voces sociales en la modernidad, así como la superposición entre los elementos que participan en la constitución de estos sujetos, como las relaciones sociales, la cultura, el ocio, la educación, considerando los principios de instrucción. y formación ciudadana, condiciones económicas, trayectoria, identidades y protagonismos. Partiendo de un enfoque interdisciplinario que combina interpretaciones de la sociología de la antropología de la filosofía y el dialogismo en el círculo ruso de Bakhtin, nuestro objetivo es analizar un artículo titulado “Jóvenes nem nem” publicado en la revista “Isto e” online, que moviliza a un discurso sobre los jóvenes que no estudian y tampoco trabajan En el análisis del enunciado se busca comprender cómo refleja y refracta los valores de los juegos ideológicos que buscan analizar el rol social de los jóvenes desde una interpretación de base socioeconómica. , las voces sociales y la conciencia socioideológica se movilizan en el análisis, en la medida en que entendemos que el enunciado está constituido por valoraciones que sustentan las relaciones sociales, interpretaciones del mundo y vivencias siempre fundamentadas en posiciones ideológicas. Como resultado, presentamos la importancia del dialogismo en análisis de discursos que hacen eco de perspectivas sociohistóricas, culturales y culturales cultural e ideológico sobre el tema de la juventud, para resaltar como fundamental la presencia de voces y valores sociales que sirven a representaciones refractarias, o la multiplicidad de identidades y trayectorias de los jóvenes, con el fin de aclarar cómo los discursos constituyen y al mismo tiempo se constituyen por las relaciones sociales, siendo su interpretación subsidiaria de perspectivas y rupturas de órdenes instalados.

Palabras clave: Dialogismo. Jóvenes. Identidad. Protagonismo.

Considerações iniciais

O presente artigo¹ busca discutir as identidades e representações refratárias das juventudes na atualidade sobre a ótica da interdisciplinaridade, a considerar que tais representações e trajetórias,

¹ Texto desenvolvido na disciplina “Dialogismo, língua(gem) e relações sociais” do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento da Universidade Estadual do Paraná - Campus de Campo Mourão.

bem como o processo de constituição dessas identidades, se faz a partir da relação desses sujeitos com o mundo. Neste sentido, com uma participação e perspectivas cada vez mais plurais, a temática da juventude é marcada pela complexidade, a exigir uma abordagem conceitual múltipla do próprio termo juventude, que busque considerar, principalmente, as implicações deste conceito a partir de relações sociais, gradativamente mais fluidas, incertas e dinâmicas, a partir das quais estes jovens ressignificam suas trajetórias e com isso sua própria identidade (GIDDENS, 1991, BAUMAN, 2001, MORIN, 2003).

Com base no caráter complexo do tema das juventudes, concordamos com o que apresenta Sposito (2008), sobre a necessidade de considerar sujeitos jovens que vivenciam suas experiências em diferentes espaços sociais, como a escola, parques, praças, no mundo do trabalho, família e outras formas de cultura e lazer que constituem as relações sociais na vida pública. A juventude, então, se constitui no processo de vivência definido a partir da singularidade e da objetividade desses sujeitos em busca da autonomia, construção da identidade pessoal e coletiva, a partir das relações sociais, e do processo de individuação. Em tais perspectivas, torna-se fundamental estudar os jovens a considerar seus contextos vivenciais, em suas interações, a partir do que as juventudes formam sua consciência social, e de percepção e ação (PAIS, 2003, DAYRELL, 2003; 2007).

Já com ancoragem nas discussões do dialogismo do Círculo de Bakhtin, importa considerar que é nas relações de alteridade que o sujeito jovem constitui sua identidade e se refrata socialmente, num processo contínuo de alterações e transformações, mediados pela palavra e pelos signos oriundos dessas interações (OLIVEIRA, 2018). Os valores que constituem a imagem dos jovens nos diversos enunciados que circulam no meio social, contribuem para a formação e apreensão social de suas identidades.

Para o Círculo de Bakhtin, ideologia e consciência não estão na mente, como apregoa a filosofia idealista, mas resultam do processo de interação discursiva, tendo os signos ideológicos,

já valorados no meio social e já participantes da consciência socioideológica dos sujeitos, como mediadores do processo de tomada de consciência e de sua formação ininterrupta, manifestada no posicionamento axiológico dos sujeitos em seus discursos constituídos e constitutivos de relações sociais.

Com vistas a demonstrar e a discutir a importância das relações sociais na constituição e ressignificação das identidades juvenis, e como estas são representadas nos discursos, nos propomos a analisar um enunciado do gênero artigo de opinião, a considerar a situação extraverbal de sua produção. Nesse caso, buscamos compreender como as relações sociais representadas estão sustentadas por juízos de valor, que ajudam a forjar identidades para determinado grupo, neste caso o dos jovens. Interessa-nos, sobretudo, a forma como este grupo aparece representado no enunciado, a partir de valorações que refletem e refratam acepções ideológicas presentes na sociedade.

Neste sentido, destacamos como objetivo central do presente texto discutir identidades, representações dos jovens na atualidade, mobilizando, por um lado, conceitos como o protagonismo das juventudes, instituições sociais, principalmente a escola, relações sociais, estereótipos, subjetividade e, por outro, vozes sociais e valores que constituem discursos. Assim, tomamos como enunciado de análise um artigo publicado na revista digital Istoé, em edição intitulada: A cultura da autoridade. O artigo escrito por Mozart Neves e publicado em 13 de Setembro de 2017, tem como título “Os jovens nem nem” e nele se apresentam dados quantitativos desse grupo social, a problematizar os que não estudam e também não trabalham, destacando, ainda, a fundamental relação entre essas duas atividades principais definidas para os jovens na atualidade, principalmente no que se refere à dependência entre a produtividade no trabalho e a escolarização.

A fim de organizarmos o texto, nos propomos, numa primeira seção, a discutir a temática da juventude, considerando sua complexidade e multiplicidade na sociedade moderna, marcada pela

fluidez e incertezas. Numa segunda seção, a partir dos pressupostos do dialogismo prenunciado nas obras do Círculo de Bakhtin, construiremos uma análise do discursomobilizado no artigo anteriormente citado, com objetivo de compreender as relações sociais e as perspectivas ideológicas basilares das relações sociais nele representadas a partir de valorações.

Neste sentido, se faz produtiva a abordagem da temática das juventudes a partir das manifestações discursivas, visto que neste ínterim podemos compreender em diferentes espaços e de diferentes formas, ideologias subsidiárias de estereótipos presentes nos discursos, cuja compreensão permite elucidar concepções da realidade e prospectar formas de repensar a mesma realidade. Tais contextos nos chamam a atenção para a necessidade de pensarmos o espaço e papel da educação na vida desses jovens, como locus de formação ética e moral, baseada nos direitos humanos fundamentais, visando discutir os problemas sociais enfrentados por esses sujeitos em sua particularidade, a partir da oportunidade de discutir realidades singulares.

1 O espaço e o papel das juventudes na sociedade atual

Ao abordarmos a temática da juventude, verificamos que este grupo contempla multiplicidades, devendo ser analisado enquanto construção social, histórica e ideológica que está fundamentalmente ligada às concepções políticas e culturais da época e do contexto aos quais pertencem (CATANI; GILIOLI, 2008). Portanto, entendemos que pesquisar sobre juventude exige uma visão plural sobre este grupo e estes sujeitos, partindo do pressuposto de que a realidade é composta por juventudes heterogêneas. Para Mayorga (2013), é necessário perceber os jovens como quem cria e participa da história, e que, por suas múltiplas vivências, produzem saberes e conhecimentos acerca da sociedade.

Ao tematizarmos a participação dos jovens, seus processos de formação e constituições de suas identidades, é relevante considerar

igualmente o meio social que os rodeia, como se desenvolvem e participam socialmente, tornando-se sujeitos políticos. Como consequência, corroboramos a noção de juventude compreendida enquanto um conceito amplo, que diz respeito às condições sociais, culturais, econômicas, além da definição da identidade do sujeito (CASTRO, 2008; DAYRELL, 2003, 2007; SPOSITO, 2008; PAIS, 2003).

Ainda neste contexto, se faz necessário compreender o conceito de culturas juvenis, como processos de vivência de costumes e valores tendo em vista, a heterogênea realidade das sociedades contemporâneas. Por tanto, a constituição das identidades juvenis se torna complexa, correlacionada à fragmentação e à transformação da sociedade, bem como a participação em diferentes grupos e instituições que corroboram identidades também flexíveis e transitórias, construídas no cotidiano (PAIS, 2003; HALL, 2011).

A partir de tais apontamentos, destacamos o período da Pós-Modernidade como aspecto fundamental para discutirmos o conceito de juventude atual, principalmente no que diz respeito às incertezas, flexibilidade, globalização e tecnologias, que reestruturaram as relações sociais. Diante de estruturas sociais cada vez mais fluidas, marcadas por crescentes inconstâncias, descontinuidades, envolvidos em uma pluralidade de pertencimentos e escolhas, os jovens se deparam com uma multiplicidade de possibilidades de escolha (BAUMAN 2001; MELUCCI, 2004).

Neste processo de identificação e escolhas das juventudes, alguns aspectos são fundamentais, como por exemplo, as questões econômicas e culturais, que dizem respeito, principalmente, ao acesso que estes jovens têm a bens e serviços. De acordo com Novaes (2003), a desigualdade social tem alargado a multiplicidade de formas de vivenciar a juventude, exercendo seu protagonismo juvenil, ou apenas sobrevivendo com péssimas condições, sem possibilidade de escolhas, ou quando feitas, com objetivos imediatos, necessários para garantir elementos básicos para sua existência.

A compreensão dos aspectos elencados, nos encaminha a discutir como o conceito de juventude é apreendido sob a ótica da

sociedade atual, pela esfera ideológica jornalística. Assim, passamos a arrolar conceitos do dialogismo que nos ajudam a analisar representações refratárias dos jovens num artigo publicado na revista Isto é, no mês de Setembro de 2017. Escrito por Mozart Neves, o texto tem o título «os jovens nem nem²» e destaca um conceito estereotipado desses sujeitos. A partir de excertos destacados, analisamos como se sustentam tais estereótipos no decorrer do texto, muitas vezes inculcados na sociedade e nos próprios jovens.

2 Dialogismo e relações sociais no discurso

Nas interpretações do dialogismo, a palavra é utilizada a partir de sua função como um signo ideológico que reflete e refrata a realidade. Nesse sentido, inicialmente, a palavra é neutra do ponto de vista de que pode assumir qualquer função ideológica, a partir de seu uso pelo falante e compreensão pelo ouvinte no processo de interação discursiva. Nas interações discursivas, a palavra é reavaliada, modificada, a servir à defesa de um posicionamento axiológico e ideológico manifestado sobre dado tema, ao passo que serve de ponte para o diálogo interior e exterior do homem, sendo elemento fulcral na formação da consciência socioideológica. Assim, a palavra acompanha a criação ideológica, de acordo com a relação específica que se estabelece no meio e no modo como ela é utilizada (VOLÓCHINOV, 2018, [1929-1930]).

Os enunciados estão carregados de signos ideológicos que fazem parte da realidade. “O signo é, por assim dizer, a forma material da realidade e é ele que possibilita a pluridiversificação dos modos de (re)conhecer essa realidade. Essa pluridiversificação realiza-se em concomitância com a ideologia (PEREIRA; BRAIT, 2020, p. 127). Por isso, o signo é capaz de distorcer ou apresentar um ponto de vista específico sobre a realidade, bem como apresentar concordâncias ou discordâncias parciais ou completas por parte do ouvinte. Nesse caso, os signos mobilizados nos discursos sobre as

² O artigo completo pode ser encontrado na página da revista a partir do link: <https://istoe.com.br/os-jovens-nem-nem/>

juventudes podem levar os leitores a concordar com o papel social do jovem discutido na atualidade, parcialmente ou totalmente, ou então discordar nas mesmas condições, na medida em que a realidade do enunciado reflete e refrata, também, a própria realidade do leitor a partir de suas perspectivas e das relações sociais (VOLÓCHINOV 2018; 2013) próprias a suas vivências.

Quando destacamos a importância das relações sociais na constituição das perspectivas do sujeito sobre determinado tema em contexto, nos baseamos nos estudos de Bakhtin (2014), que destaca o discurso exterior e interior do homem como um elemento social que não pode ser estabelecido a partir do sujeito isolado, porque este pertence a um grupo social em que esses discursos são elaborados e carregados de construção ideológica que remete à realidade da vivência. Do mesmo modo, “para Volochinov (2018[1929-1930]), os fenômenos ideológicos não podem ser reduzidos às particularidades da consciência e do psiquismo; eles possuem uma encarnação material (som, massa física, cor, movimento do corpo etc.), ou seja, eles possuem uma realidade *sígnica*” (PEREIRA; RODRIGUES, p. 79, 2014).

As posições ideológicas manifestadas nos enunciados pressupõem um contexto social e grupos de pertencimento, visto que o sujeito não pode ser considerado isoladamente, mas a partir do compartilhamento de suas percepções e valores nesse mesmo contexto, considerando que se constitui na e pela linguagem refratária da cultura, da economia, dos valores morais, da ciência, legislações, que compõem determinada realidade e que expressam a estrutura social multifacetada, compreendendo que os sistemas ideológicos constituídos, determinados pelas relações econômicas e políticas e a ideologia do cotidiano, refletem a diversidade de concepções que os sujeitos vivenciam em seus espaços coletivos comuns (VOLÓCHINOV, 2018; NARZETTI, 2013). Assim, “a mesma palavra estará □ permeada de valores diferentes dependendo dos sujeitos que as enunciam em diferentes situações e contextos” (PEREIRA; BRAIT, 2020, p. 128).

Neste sentido, o enunciado surge e tem seu significado constituído numa situação histórica, cultural e ideológica, e nas relações com outros enunciados que emergem no meio social, a reverberar partidas ideológicas que subsidiam as relações sociais. Assim, se constrói a refleti-las e essas são representadas na e pela língua. Como uma resposta a outros, o enunciado já capaz de suscitar outras, em movimento que compõe a constante reavaliação da língua, e a proporcionar a individuação, a formação da consciência socioideológica, a consciência de classe, como uma proposta de agir social. Nesse processo, o ouvinte se torna falante, participando ativamente na cadeia do discurso, em que a palavra perpassa o processo dialógico de sua constituição como sujeito. Enquanto neutra, a palavra não pertencente a nenhum sujeito, é palavra alheia, que pertence ao dicionário, mas ecoando nos enunciados próprios, ela se torna minha palavra, porque, é utilizada a partir de meu próprio contexto, dos valores que ajudam a defender posicionamentos axiológicos sobre temas, a expressar minhas percepções, opiniões e ideologias (BAKHTIN, 1988; 2011).

De todo modo, é em dado “extraverbal, compreendido como a sua dimensão social, que o caráter social do enunciado se constitui e se confirma, ou seja, que ocorre o trabalho da ideologia e da valoração que lhe é decorrente” (ACOSTA-PEREIRA; RODRIGUES, 2014, p. 182). A valoração, por sua vez, é resultado de uma avaliação consumada entre os interlocutores sobre o tema tratado no enunciado. Conforme discutem Acosta-Pereira e Rodrigues (2014), os temas são inesgotáveis, mas, na sua realização discursiva no enunciado, ao entrarem no horizonte apreciativo e, por decorrência, valorativo dos interlocutores, passam a ter acabamento dentro de determinadas condições e finalidades discursivas.

Quando um autor de linguagem demarca um posicionamento axiológico e ideológico sobre um tema da vida social em seu discurso, expressa uma relação subjetiva e emocionalmente valorativa com o objeto de que trata. Esse elemento expressivo é o que determina o estilo e a composição do enunciado, pois repre-

senta a relação valorativa do falante com esse objeto e com outros discursos antecedentes, o que leva o autor de linguagem a realizar escolhas lexicais, sintáticas, gramaticais e outras em seu enunciado. Essas escolhas, por sua vez, servem à mobilização dos valores que convergem à defesa do posicionamento axiológico e ideológico manifestado sobre o tema.

Por isso, nos interessa analisar as valorações mobilizadas no enunciado intitulado “Jovens nem nem”, publicado na coluna da revista Isto é. Tanto nos interessamos em discutir a proposta de compartilhamento valorativo quanto nos interessamos em problematizar diferentes possibilidades de apreensão por parte dos leitores, de modo que, para o dialogismo, importa analisar a que posicionamento axiológico a palavra em discurso serve e quais possíveis respostas de refutação ou reforço suscitam no meio social. Assim, entendemos que

um enunciado pode ser verdadeiro para uns e falso para outros que não compartilham dos valores sociais refratadas e refletidos na palavra, na e pela língua, num processo contínuo de construção da linguagem e das relações sociais. Não é o signo abstrato, em si, que está em jogo quando o acolhemos participantes de nosso diálogo interior. Nós acolhemos o seu valor como representativo de uma consciência social possível sobre o tema (POLATO; MENEGASSI, 2017, p. 19).

De acordo com os autores, a valoração que o leitor atribui, bem como sua resposta diante de tais enunciados, representam sua consciência social de acordo com seu contexto e compreensão, refletindo seu papel social e refratando suas próprias perspectivas ideológicas, em que o discurso pode ser concebido como totalmente verdadeiro ou falso, ou parcialmente verdadeiro ou falso. A partir dessa compreensão, gera-se respostas no meio social. Daí a importância de discutir os valores mobilizados nos enunciados e a que partidas ideológicas se vinculam.

De todo modo, do nosso ponto de vista analítico interdisciplinar e dialógico, importa tomar o enunciado “Jovens nem nem”

como unidade de análise, para problematizar as representações de juventude manifestadas, e discutir como o autor compartilha valorações subsidiárias da compreensão da importância que a escolarização e o mundo do trabalho têm para os jovens e como a ausência desses aspectos implica na valoração “nem nem”.

2.1 *Análise do enunciado*

Como já anunciamos, o artigo intitulado “Jovens ‘nem nem’” foi publicado na revista *Istoé online* no dia treze de setembro de 2017, com autoria assinada por Mozart Neves. Já no título, a expressão “nem nem” aparece entre aspas, funcionando como adjetivo que qualifica os jovens e que permite compartilhar uma valoração pejorativa sobre esse grupo social.

Nos primeiros parágrafos do texto, Neves relembra seu último artigo publicado na mesma coluna, em que mostrou as imbricações entre escolaridade e produtividade, destacando a necessidade de uma educação significativa que atenda a demanda desses jovens, para que anos a mais de escolarização resultem em maior produtividade para o país. Como se nota no excerto “Mostrei que, quanto maior é a escolaridade de uma sociedade mediante a oferta de uma educação plena, maior a produtividade do país” (NEVES, 2017), para Neves, a educação plena é um valor diretamente ligado à produtividade econômica e não adjacientemente à formação humana. Assim, o primeiro “nem” de “nem nem”, se institui como uma referência aos jovens que não estudam e que não servem à produtividade econômica de seu país.

Neves cita a escola integral de Ensino Médio, ofertada pelo estado de Pernambuco, como um exemplo de sucesso atestado pelos índices do IDEB (Índice de desenvolvimento da Educação Básica), como se nota no excerto:

O Brasil começa a dar os primeiros passos na oferta de uma educação integral em tempo integral para o Ensino Médio – a chamada escola do jovem. Esse é o caso, por exemplo, da rede estadual de Pernambuco, que já possui metade das escolas de Ensino Médio em tempo integral e ocupa

posição de liderança, juntamente com São Paulo, no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) (NEVES, 2017, s/p).

Os bons índices do IDEB são tomados como argumentos para a defesa de um modelo de educação promissora aos jovens – as escolas de Ensino Médio em tempo integral e de política pública e mudança necessária para melhorar os índices de educação no país. O autor, no entanto, em nenhum momento, apresenta dados que correlacionem esses índices com outros que indiquem inserção positiva no mundo do trabalho.

Já na segunda parte do texto, o autor destaca, a partir de dados quantitativos, números sobre jovens que não estudam e não trabalham, estabelecendo relações diretas entre estes dois espaços – escolaridade e trabalho - que devem fazer parte do papel do jovem na sociedade, na medida em que concebe a escola como preparação para o mundo de trabalho, excluindo do texto outros importantes papéis desempenhados pela educação formal na vida desses sujeitos, como o excerto confirma:

[...] há ainda um percentual significativo de jovens (14%) na faixa etária de 15 a 17 anos que não estudam e nem trabalham. [...] Alargando agora para a faixa etária de 15 a 29 anos, o Brasil tem cerca de dez milhões de jovens nessa situação. E esse número, infelizmente, só faz crescer, de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em 2015, o percentual de jovens “nem nem” foi de 22,5% para esta faixa etária, crescendo 2,5 pontos percentuais em relação a 2014 (20%) e 2,8 frente a 2005(19,7%). Portanto, o Brasil vai ter que lutar como um espadachim que deve esgrimir com os dois braços. Um deles para oferecer em escala uma escola de Ensino Médio com significado para o jovem, para que ele não só permaneça, mas aprenda. O outro braço terá como missão trazer essa geração “nem nem” de volta à escola, inclusive para que possa se preparar adequadamente para o mundo do trabalho. É, de fato, uma árdua e difícil tarefa, mas não temos escolha, se queremos uma nação plena de oportunidades (NEVES, 2017, p.01).

Como solução ao problema dos “jovens nem nem”, o autor apresenta duas frentes necessárias: na primeira defende a oferta de

um ensino significativo para esses jovens, que se preocupe com a aprendizagem e permanência desses sujeitos. Na segunda, destaca a importância de que os jovens que estão fora das escolas retornem para ela, para que todos possam se preparar para o mundo do trabalho. Como vemos, a noção de escola que significa para o jovem é a de escola que prepara, no Ensino Médio, para o mundo do trabalho. Ao se referir aos jovens como “essa geração nem nem”, o autor se distancia enunciativamente do grupo dos jovens, a compartilhar uma valoração negativa sobre ele, sem problematizar as causas de os jovens nem estudarem nem trabalharem.

Para uma jovem, por exemplo, que para ajudar em casa precisa cuidar dos afazeres domésticos e de irmãos menores para que os pais possam trabalhar e sustentar a família, o conceito de “jovem nem nem”, enquanto signo ideológico que se liga ao valor de desocupada, imprestável, sem futuro, improdutiva, pode parecer superficial e falso para a situação socioeconômica em que se encontra, na medida em que tal discurso desconsidera as multiplicidades de trajetórias. Já para um leitor adulto que desconhece as diferentes formas de vivenciar a juventude e todos os jovens que este conhece estudam e/ou trabalham, este enunciado pode ser considerado como totalmente verdadeiro e justificado, a partir de estereótipos negativos que definem a juventude enquanto mera idade de transição para a vida adulta, sem maiores responsabilidades.

Ao retornarmos ao excerto do enunciado, percebemos a utilização massiva de numerais para a construção de efeitos de verdades incontestáveis que servem à defesa do posicionamento autoral, por uma escola apta a preparar ao trabalho e atrativa para o retorno do jovem à escola. Subjazem, ainda, os valores de que as escolas não exercem função social que interessa ao país e de que os “jovens nem nem” constituem um grupo inútil do ponto de vista da produtividade econômica.

Vale ressaltar que grande parte das percepções sociais acerca da condição juvenil é condicionada por estereótipos, idealizações, mitos e preconceitos. Existem, ainda, discussões acerca da juven-

tude enquanto idade para educação ou idade para o trabalho, que discorrem sobre a noção da juventude como geração que representa os recursos que uma sociedade dispõe para mudanças e transformações sociais.

Ao nos voltarmos para fundamentações interdisciplinares que mobilizamos, confirmamos o que se apresenta no discurso publicado em Istoé. Conforme problematizam Catani e Gilioli (2008), a função atribuída à escola na constituição da identidade juvenil é a de principal instituição formativa deste sujeito, que está na transição para a idade adulta. Se a escola falha é culpabilizada pelos problemas da juventude, como se confirma no excerto discursivo em que Neves afirma que o Brasil deverá lutar com um espadachim para esgrimir com os dois braços dois problemas: “Um deles para oferecer em escala uma escola de Ensino Médio com significado para o jovem, para que ele não só permaneça, mas aprenda” e outro “terá como missão trazer essa geração “nem nem” de volta à escola, inclusive para que possa se preparar adequadamente para o mundo do trabalho” (NEVES, 2017).

O valor de que a escola não significa para o jovem deixa entrever a sua não eficiência e sua incapacidade de resolver os problemas de permanência. Por adição, o interesse de reinserir o jovem à escola se vincula ao objetivo de preparação para o trabalho, excluindo-se a ideia de continuidade da formação, ou de formação humana.

Faz-se pertinente destacar, portanto, o papel das instituições, como a escolar, que podem contribuir de forma consciente e crítica no modo como os jovens compreendem o mundo, suas relações e seu papel. Para Carrano & Martins, (2011), a escola deve contribuir para que os jovens façam escolhas conscientes, tendo como base suas próprias trajetórias e valores. O reconhecimento da pluralidade de identidades juvenis é basilar para que a escola pense em ações direcionadas para as juventudes, pois a escola, também, se caracteriza como espaço de vivência coletiva, que não deve ter como objetivo primeiro ou exclusivo a preparação acrítica para o mundo de trabalho.

Neste sentido, a relação entre educação e juventude deve ser discutida a partir de diferentes possibilidades, na medida em que a instituição escolar não é o único espaço de formação dos sujeitos, considerando outras instituições como a familiar e religiosa bem como outros espaços formativos. Portanto, é fundamental saber que a instituição escolar precisa estar preparada para entender e atender às preocupações dos jovens, para que possa tornar-se um espaço que abriga diferentes culturas, estilos e sentimentos juvenis oriundos da vivência e experiência desses sujeitos. Não se desconsidera que a preocupação que acaba por influenciar na trajetória e projeto de vida dos jovens é a inserção no mundo do trabalho e que esse fator, também, está diretamente ligado à escolarização. A escola não está alheia às necessidades da sociedade, atuando de forma isolada, mas integra a realidade complexa desses jovens, não sendo sua finalidade única preparar para o trabalho de forma homogênea e massificadora e com pretensões puramente vinculadas a índices econômicos.

Considerações finais

A partir das discussões até o momento apresentadas, se faz pertinente dialogar sobre a categorização da juventude enquanto grupo homogêneo, desconsiderando seus processos plurais de identificação, constituídos a partir de seu contexto social, de suas vivências e interações.

O enunciado analisado concretiza uma representação refratária do jovem na sociedade atual, a destacar seu papel na sociedade sob a ótica da educação e do trabalho. Apesar de reconhecermos essas duas categorias como fundamentais na constituição das juventudes, reiteramos a necessidade de considerar a complexidade de relações, participações que envolvem tais sujeitos, destacando o papel do dialogismo na análise de constituição de valorações sociais fundamentais a esse processo de representação, capaz de evidenciar como estes jovens têm suas subjetividades e identidades forjadas na e pelas manifestações discursivas, que ignoram protagonismos no

contexto social em que vivem, já que é na singularidade do cotidiano que estes (re)significam suas percepções e ações.

Neste sentido, explicitamos a importância de discutir a complexidade do cotidiano escolar como um dos principais espaços de participação e constituição desses sujeitos. Concordamos com o que diz Araújo (2002), na defesa de um olhar que visa a complexidade dos processos educativos, evitando uma definição de educação compartimentalizada. Sob essa perspectiva, destacamos como fundamental um ensino que considere a realidade concreta e complexa dos alunos, já que, de acordo com os escritos de Araújo (2014), ensinar a partir de uma realidade abstrata corrobora processos cada vez mais simplificantes de ensino e aprendizagem.

Vale destacar que as trajetórias e identidades desses sujeitos jovens não se constituem apenas no espaço escolar, já que estes perpassam por outros espaços e relações, também complexas, as quais proporcionam elementos múltiplos que interferem direta e indiretamente em sua formação.

No entanto, pensando no princípio de formação cidadã, crítica e reflexiva, entendida como uma educação para os direitos humanos, acreditamos ser essencial um ensino que considere tais particularidades e multiplicidades dos seus educandos, principalmente no que diz respeito às suas realidades concretas subjetivas, que permitem tornar o processo de ensino e aprendizagem mais significativo, fornecendo elementos suficientes para uma análise cada vez mais complexa e crítica de seu próprio contexto, na medida em que estes sujeitos possam se ver como atores sociais, com capacidade de refletir sobre sua realidade, bem como agir com o objetivo de transformá-la. Tais princípios possibilitam que a escola cumpra o seu papel de instruir e formar novos cidadãos.

Ademais, destacamos com este texto a importância de discutir o conceito de juventudes a partir de uma perspectiva interdisciplinar, que objetiva entender os diferentes aspectos que a constituem, observando sua relação com o processo histórico e social do qual faz parte. Ainda, percebemos a relevância do dialogismo

nesse processo, que ao considerar que o sujeito está imerso em seu contexto e que suas posições ideológicas são reflexos e refrações de suas interações com este meio e com os outros a sua volta, ressalta ser fundamental que os valores que compõem a imagem dos sujeitos jovens nos discursos sejam problematizados e apreendidos de forma crítica.

Referências

ACOSTA-PEREIRA, Rodrigo; BRATT, Beth. Revisitando o estudo/estatuto dialógico da palavra-enunciado. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 20, n. 1, p. 125-141, jan./abr. 2020.

ACOSTA PEREIRA, Rodrigo; RODRIGUES, Rosângela, Hammes. O conceito de valoração nos estudos do círculo de Bakhtin: a inter-relação entre ideologia e linguagem. *Linguagem em (Dis)curso* – LemD, Tubarão, SC, v. 14, n. 1, p. 177-194, jan./abr. 2014.

ARAÚJO, Ulisses Ferreira. Histórias sobre complexidade e cotidiano escolar. In: **A construção de escolas democráticas: histórias sobre complexidade, mudanças e resistências**. São Paulo: Moderna, 2002. p. 7-27.

ARAÚJO, Ulisses Ferreira. **Temas transversais, pedagogia de projetos e as mudanças na educação**. São Paulo: Summus, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. O conteúdo da consciência como ideologia. In: In: BAKHTIN, Mikhail. **Freudismo: um esboço crítico**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2014, p.85-92.

BAKHTIN, Mikhail. O discurso no romance. In: BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Ed. da UNESP, 1988. p.71-210.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 261-306.

BAUMAN, Zygmunt. Prefácio: Ser leve e líquido. In: **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, p.7-22, 2001.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues; MARTINS, Carlos Henrique dos Santos. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. **Educação**. 36(1) 43-56, 2011.

CASTRO, Lúcia Rabello. Participação política e juventude: do mal-estar à responsabilização frente ao destino comum. **Revista de Sociologia Política**, v. 16, n. 30, p. 253-268, jun. 2008.

CATANI, Afrânio Mendes; GILIOLI, Renato de Souza Porto. **Culturas juvenis: múltiplos olhares**. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p.40-52, set./dez. 2003.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

MAYORGA, Cláudia. Pesquisar a juventude e sua relação com a política – Notas Metodológicas. **Estudos de Psicologia**, v. 18, abril/junho. 2013.

MELUCCI, Alberto. **O jogo do eu: a mudança de si em uma sociedade global**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NARZETTI, Claudiana. **A filosofia da linguagem de V. Voloshinov e o conceito de ideologia**. Alfa, São Paulo, n. 57, v.2, p. 367-388, 2013.

NEVES, Mozart. Os jovens nem nem. **Revista Isto é**, São Paulo, 13 set. 2003.

NOVAES, Regina. Juventude, exclusão e inclusão social: aspectos e controvérsias de um debate em estudo. In M. V. Freitas, & F. d. Papa. **Políticas Públicas: juventude em pauta** (pp. 121-141). São Paulo: Cortez, 2003.

OLIVEIRA, Maria Bernadete Fernandes. Linguagem e Alteridade nos escritos do Círculo de Bakhtin. **Eutomia**, Recife, 21(1): 169-184, Jul. 2018.

PAIS, José Machado. **Vida Cotidiana**: enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2003.

POLATO, Adriana Delmira Mendes.; MENEGASSI, Renilson José. Refratar e refletir: relações sociais e língua em práticas de análise linguística. In: FERNANDES, Eliane Marques da Fonseca (org). **Gêneros do discurso**: refletir e refratar com Bakhtin. Campinas: Pontes Editora, 2017, p. 13-44.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008, p. 87-127.

VOLÓCHINOV, Valentin. A ciência das ideologias e a filosofia da linguagem. In: VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2018, p. 91-102.

VOLÓCHINOV, Valentin. A palavra e suas funções sociais. In: VOLÓCHINOV, Valentin. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013, p. 189-212.

VOLÓCHINOV, Valentin. A interação discursiva. In: **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2018, p.201-226.

VOLÓCHINOV, Valentin. A construção da enunciação. Tradução de João Wanderley Geraldi. In: **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013, p.157-188.